

Adriana Rocha

Título:

O improvável

Texto:

Olá. O meu nome é Benedita e tenho 18 anos. Chegou à parte em que a minha mãe me ensinou a acrescentar: "Sofro de Síndrome de Asperger". Agora com esta idade reflito acerca da irrelevância desta afirmação. Não é como se a minha condição (a mamã não gosta que lhe chame doença) fosse capaz de jogar às escondidas com quem tenta estabelecer algum tipo de contacto comigo (embora não sejam assim tantos os que se aproximam... Na verdade, quase nenhuns). Não culpo ninguém, até prefiro que assim o façam. Poupam-me o trabalho de fingir empatia (estou a brincar, todos sabem que graças à minha condição todos me desculpam se não o fizer).

O mundo em que estou presa é muito semelhante àquele em que os ditos "normais" vivem. A única diferença é que as cores têm tons diferentes. (Sim, eu sei usar metáforas e até sou a melhor aluna a português da minha classe. Bem, sendo honesta, uma vez que somos só dois, a concorrência não é um problema). As pessoas subestimam a minha inteligência. As pessoas subestimam a minha imaginação. As pessoas subestimam-me. É uma mania que têm, não sei muito bem porquê. Será porque não gosto muito de falar? Será porque aos sábados à tarde em vez de ir sair com amigas, fico com o meu irmão a ver sempre o mesmo episódio da minha série favorita? Ou será porque acordo escrupulosamente às 6h55 da manhã e tomo o pequeno almoço às 7h05 em ponto? Eu sei porque é, não pensem que sou burra. É porque a minha mochila é de trólei. Recuso-me a aderir à moda das carteiras, ficam a doer-me as costas. Eles que subestimem.

Mas chega de falar da monotonia do meu dia a dia. Nos últimos tempos, a minha "cabecinha traquina" como a mamã lhe chama tem andado muito ocupada. Posso ser diferente das outras raparigas da minha idade, mas continuo a ser uma adolescente. Não percebo muito de sentimentos. Quero dizer, eu sei que gosto dos meus pais e do meu irmão... Tenho quase a certeza que os amo (não sei bem o significado disso ou as suas implicações, mas pareceu-me adequado dizê-lo agora). Há uns meses conheci um rapaz. Comecei por observá-lo ao longe (atividade na qual me posso considerar profissional). Tal como eu, anda sempre sozinho. Reparei ainda que às terças-feiras usa sempre uma t-shirt vermelha. Coincidência ou não, a simples possibilidade de ele manter esse hábito, conforta-me. Gosto de pessoas previsíveis, surpresas não são muito o meu género. Passadas umas longas semanas de trocas de olhares, ele veio sentar-se à minha beira num banco no jardim da escola. Não estava à espera que ele dissesse algo, e certamente não iria ser eu a fazê-lo. Ficamos ali sentados, calados e quietos por um momento cuja duração não sou capaz de sequer estimar (estou a brincar, foram 3 minutos e 47 segundos). Ele levantou-se, olhou para mim e convidou-me a acompanhá-lo numa volta pela escola. Aceitei sem usar a voz, não o queria assustar. Ele falou o caminho todo e eu limitei-me a ouvir cada palavra com a máxima atenção. No fim do passeio ele disse que no dia seguinte repetiríamos e tenho a leve sensação de que quase esbocei um sorriso nesse momento, mas é possível que tenha sido só impressão minha.

Já passaram uns meses desde então e a rotina do "passeio dos tristes" como ele lhe chama ainda se mantém. Seria de prever que os monólogos se tivessem transformado em diálogos, mas não. Consolo-me com a suavidade da voz dele, acalma-me. Cada vez que estou com ele sinto que me estou a aproximar de um intruso ao meu mundo, mas pela primeira vez isso não me assusta. Pela primeira vez, não sinto que há um risco iminente de tudo desmoronar em

cima de mim, e mesmo que isso acontecesse, algo me diz que ele me ia proteger. Desconfio que ele tenha algum tipo de interesse em mim, embora essa possibilidade ainda me deixe um pouco desconfortável. Se isto fosse uma das telenovelas que a mamã gosta de ver, já me tinha tentado beijar. (Por falar nisso, como é que isso se faz? Será que me devo começar a preparar para essa eventualidade? Será que existem tutoriais no YouTube?).

As pessoas subestimam a minha capacidade de amar, e estão corretas. Para poder dizer que sinto amor, deveria ser capaz de explicar o que isso é, e não sou. É demorar mais 3 minutos e 56 segundos a arranjar-me quando vou estar com ele? Ou será que é ter deixado de me preocupar com isso? (Sim, porque esta semana alterei o horário do pequeno almoço e levei os sapatos de quarta-feira na segunda).

Hoje, anos mais tarde, posso-vos dizer que sei o que é amor, não por me atrever a dizer que o sinto, mas sim pela prova que me foi dada da sua existência. Todos os dias há alguém que me ensina a ser uma pessoa melhor, que me aproxima do mundo real e que não me julga por ser diferente. Há alguém que em vez de criticar as minhas rotinas, faz de tudo para as entender. Há alguém que tenta resolver o quebra-cabeças que eu sou, mesmo sabendo que há peças que nunca vão encaixar. Há alguém na minha vida que me adora ao ponto de se ter casado comigo sem um único "amo-te" ter escapado da minha boca.

Tenho quase a certeza que o amo, e isso é tudo o que lhe vou poder dar: um quase sentimento, uma certeza incerta, uma tentativa de romance. Não nasci para ser perfeita (acho que Deus deixou isso bem claro desde logo). Nasci para ser diferente, ou como ele diz "especial". Desde que me conheço que me dizem que a minha doença não tem cura. Quando estou com ele, duvido da veracidade desta afirmação. Será a minha cura ou uma nova doença? O que quer que seja, ainda bem que apareceu.